

QUARTO MOVIMENTO

JNR Canabarro

Encenada em quatro atos

Ruth  
Próximo até  
04/10/29

①  
34

Primeiro ato

Cenário nú. De fundo a música COPPELIA WALTZ

Ao findar a música, abrir cortinas. Cantarolando a música Rosa de Hirochima, entra o primeiro personagem com uma bíblia na mão. Para bem no centro do palco e fala:

— Debruçado na janela dos tempos infindáveis da inexistência. Com o olhar perdido na imensidão do nada. Tediado, com a cabeça apoiada em uma das mãos, a outra de tempos em tempos, tapando a boca bocejante. Na idéia veio-lhe um pensamento ... Criar ... Criar ... Criar ...

— E teve início o criador. Como um vulcão, entrou em erupção, colocando para fora, numa violência incrível, toda a lava do saber.

— No início, criou Deus a terra. Porém sem forma e vazia. Mas como fora sua primeira grande obra, julgou-a muito boa. E sorriu de satisfação. Ah!Ah!Ah! E ecoou pelo universo sua gargalhada. Ah!Ah!Ah! Que satisfação. E tratou logo de melhorar sua criação. Para provar a ele mesmo que era criativo e de bom gosto, criou do nada a luz e a fez brilhante e dourada, com poder de reflexão e ainda ser fonte de energia, produzindo calor. Ficou muito satisfeito. Depois separou-a das trevas para melhor poder admirá-la, sentindo todo o seu esplendor.

— Mas ele não parou por aí. Seguiu em frente, criando, criando. E para cada obra realizada, um sorriso de satisfação.

— Criou o firmamento, separando das águas as porções secas. Para as águas lhe deu nome de mar e para as porções secas, terra. Depois criou os peixes, as plantas e os animais selváticos. Tudo sem demonstrar cansaço.

— E teve início o nosso mundo. Com movimento de rotação e translação. Antes de descansar, o criador deu seu toque final. Criou o homem, conforme sua imagem e semelhança.

Tomou do pó e fez lama e da lama o homem. Soprou nas narinas e lhe deu vida e o paraizo. E o homem julgando-se sábio desobedeceu. Então o criador falou :

— No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela fostes formado. Tu és pó e ao pó retornarás.

— E Deus descansou.

— E o mundo foi entregue ao homem. E este também julgando-se criador, começou a criar. Trabalhando, trabalhando, trabalhando, o homem tomado pelo cansaço, imaginou criar coisas para aliviar sua carga. Como Deus, não pode criar vidas, mas criou a máquina, dotada de movimentos para que trabalhasse por ele. E tão obsecado pelos seus inventos o homem chegou a ser dominado por eles e isto o leva a sua própria destruição. Está o homem agora no seu pleno desenvolvimento evolutivo e sem saber, parte velozmente para o quarto movimento.

DIMINUE-SE as luzes até escurecer.

Música de fundo ( todos atiram-se no chão e levantam-se lentamente e depois inicia-se a corrida de um lado para o outro do palco. Ao cessar a música o segundo personagem entra em cena como se fosse arremessar uma lança. Depois cai ferido ao solo e fica imóvel. Logo enseguida entro o terceiro personagem como se empunhasse uma metralhadora e atirando cai no chão como se atingido pelas balas, ficando imóvel no chão.

Com a música a seguir, entra o quarto e quinto personagem, como se olhassem o que sobrou da guerra, pulando por cima dos mortos e olhando apavorados em todas as direções. Ao findar a música, os dois tomam posições bem a frente do palco e acocam-se até que haja luz total. Lentamente levantam-se e ao falar tiram o capuz.

— A evolução do homem, tanto no campo científico como no campo industrial, é pontilhada de inventos e aparelhos, que trazem como consequência lógica, a substituição do esforço físico e mental, pelo trabalho de máquinas e aparelhos modernos.

— É a lei do menor esforço ... O homem faz de tudo para aliviar sua carga. E está certo.

— Certo, sim... O homem substituído pela máquina ... que ironia. Máquinas ... máquinas ... máquinas ...

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

— Máquinas,máquinas,máquinas e o homem curvado,ou derrotado. Sem um sorriso no rosto. Até isso o homem não pode mais,ou não quer. É uma penã.Não é ?

— Caríssimo público.Peço licença para dizer duas palavrias. Sei que este não é o momento adequado,mas não posso deixar de dizer. Não estamos aqui para fazer rir,nem para deliciar.Estamos aqui para revoltar,chocar,alertar do perigo que cerca toda a humanidade. Eu diria que estamos aqui para conscientizar.

Todos atiram-se no chão e começam a gemer ...

— Ajude-me ... eu não quero morrer ... eu amo a vida.Só ela importa.Ajude-me ... ajude-me .

— Esta guerra não é minha,portanto não é justo eu morrer nela. Para que eu quero guerra,não inventei guerra nenhuma e nem sei porque ela existe .

— Guerra ... Guerra ... Se eu não tivesse morrido na guerra, contaria para todos,como se morre de bomba atômica.

— Vejam só. Tudo está deserto. Isso é certo? Tudo está deserto ... deserto ...deserto .

— No mundo existia terras aridas como estas. Mas também tinha terras férteis,com lindos bosques,verdes campinas,vales verdejantes,que pouco a pouco o homem consumia. Os que viviam no deserto não gostavam da vida miserável que levavam. E os que viviam no meio da fertilidade não se preocupavam ... Até que tudo foi transformado nisso ai ... um deserto.

— Agora só existe desertos ... ninguém pode se queixar,a não ser lamentar... Só existe desertos ... o deserto é geral ... Universal .

— Já não existe éco,nem reflexo ... a luz é opaca. Parece que o mundo parou. Já não existe o vento para transportar a semente e a fotossíntese está prejudicada. Já não existe cor,nem flor. Meus olhos não sentem. Na água poluída do único oasis que existe não mais vejo a minha imagem. Já não refletem ... Estou perplexo. Não lembro nem a cor de meus olhos. Talvez sejam vermelhos ... de chorar. Costaria de subir um monte bem alto e com toda a força gritar. Gritar não sei o que,mas simplesmente gritar. Gritar a dor de minha alma. Gritar e ouvir meu grito retumbar pelo vale, mas não existem montes,nem vales,nem éco ... e eu não posso gritar.



QUARTO MOVIMENTO

de JNR Canabarro  
Encenada em quatro atos

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

5

SEGUNDO ATO

CENÁRIO : Uma mesa simples, duas cadeiras ( poderá aparecer um armário ao fundo.

Entra em cena Joana, arrumando a casa e varrendo.

— Vida chata ... Mundo porco ... Mas a vida é essa. Se vive da melhor forma possível. Um dia tem, o outro não tem, mas vai se vivendo. ( sai de cena )

Entra MIRO furioso.

— Maldito azar . Que desgraça . Por causa de uma zebra, não faço treze pontos. Quase fico milionário ...

— Mas que é isso homem. Andaste bebendo ?

— Antes tivesse bebido dez garrafas de cachaça, e agora estaria podre de bebado dormindo em um canto, em vez de estar desesperado como estou ...

— Mas a final o que houve. Enloqueceste ?

— Sabe o que é fazer 12 pontos e errar só um ... um só e quase rico. Quase treze pontos e adaus miséria . Sabe o que é isso? Quase ficamos ricos...

— Calma, Miro ! Tenha calma ... Não adianta ficar nervoso. Não acertaste agora, poderá acertar outro dia !

— Bem que a gente precisava acertar na loteca... Sabe, Joana. Chego até a não acreditar em Deus!

— Credo, Miro ! Não diz uma coisa dessas. Não tens medo de ser castigado ?

— Que castigo maior que esse ? Enquanto estamos na maior miséria, um ricoço acerta na loteca sozinho. Só ele e mais ninguém ...

— Miro ? Tu esquece que mesmo sendo pobre, nós sempre comemos ? Pouco é claro, mas muitos são os que nada tem para comer ? Chegue na janela e tente ver o mundo lá fora. Multidões inteiras na luta diária. Com fome, doentes e sem perspectivas.

— É verdade, Joana ! Que Deus me perdoe ... todo o pobre sonha em acertar na esportiva, pois para nós parece não haver outra saída.

E quando um milionário acerta sozinho, ganhando milhões para juntar com os que já tem, a gente fica até com raiva. Com raiva de tudo.

— Mas o mundo é assim mesmo, que se há de fazer ?

— Sabe o que é levantar cedo todos os dias, sair para o trabalho só com um café preto no estomago e bater lata o dia todo, para trazer para casa carne de segunda.

— Eu sei que é duro. Pois estou nessa luta também, não é mesmo ?

— Entra semana, sai semana, e sempre a mesma coisa. A mesma roupa, a mesma comida, a mesma condução, as mesmas caras, a mesma hora. Tudo é rotina ... A rua, o bar, o barbeiro, o jornaleiro, o mesmo patrão, carrasco e mandão. O mesmo salário. Tudo é igual. Até o choro das crianças, sempre a mesma coisa. Na rua os mesmos pedidos de esmolas e sempre a minha negação. Não tenho para dar. ... É dinheiro para isso, é dinheiro para aquilo, para o pão, açúcar, arroz, feijão ... Joãozinho quer um caderno ... Paulinho um avental ... Chiquinha uma escova de dente ... Antoninho quer isto, aquilo ... Chega, chega, chega. Não tenho dinheiro. Não sou bando. Não me peça dinheiro, não tenho nada, não dou mais nada. Uuviu ?

— Continue, Miro ! Estou aqui para ouvi-lo, fale o que quiser e o quanto quiser .

— As vèzes sinto vontade de sumir de casa e nunca mais dar as cara. Estou cansado dessa vida miserável. De casa para o trabalho, do trabalho para casa e a miséria cada vèz aumentando mais. As vèzes perco o sono pensando no futuro de nossos filhos. Que mundo lhes está reservado? Um mundo sem carinho, sem amor, sem compreensão, onde só vence o maior. Um mundo materialista e preconceituoso ? ... Joana, há quanto tempo você não usa um vestido novo ? ... Estamos ficando velhos e nada temos e nada deixaremos ... Por isso sonho com a esportiva . Sonho em deitar-me pobre e acordar-me rico. Muito rico.

— É Miro ! Nesso defeito é ser pobre . Sonhar com dias melhores é natural do homem. Graças aos sonhos da humanidade, o homem evolui. Mas nós não podemos nos desesperar, quem sabe um dia tudo melhore.

— Joana, diga-me uma coisa, somos ou não somos miseráveis ?

— Nem tanto ... Conheço um homem que tem milhões e não tem sentimento algum. Esse sim eu considero um miserável ... Mas, por que não mudamos de assunto. Falemos de nós, de nossos filhos.

De nossos vizinhos e amigos ?

— Há quanto tempo não conversamos como agora, hêm ?

— Não pense nisso, o importante é que estamos conversando. Isso é o que realmente importa.

— É verdade ... Antes, logo que casamos, costumávamos nos reunir com amigos, para conversar, trocar idéias, você lembra ? E agora ? Onde andarão nossos amigos ?

— É mesmo. Quantas pessoas faziam parte da nossa rotina. Hoje já não sabemos nem onde moram . Miro, resonda-me, será que foram elas ou nós que nos afastamos ?

— Não sei, Joana. Confesso que não sei ... Maldito progresso, que desordenado esmaga o homem, modificando seu modo de ser, pensar ou agir ... encurta os caminhos, mas apressa as coisas, destrói a natureza e polui o ar.

— E nós, Miro ? Esquecidos dos velhos hábitos, não levamos para os outros o mundo que não se consegue encontrar sozinho, que é o mundo do diálogo .

— Joana ! Sou como você. Quero ter o mundo, amar a vida, sonhar perspectivas, ter afeto e muito amor. Não quero estar longe, mas muito perto com os braços abertos para todos poder abraçar.

— Quando o homem entender que não é só dinheiro que traz felicidade, que não é só o dinheiro que cura a miséria do mundo, então não mais haverá miséria, nem fome, nem desamor .

— Se o homem não para a máquina, se o homem não se tornar homem, não parar a guerra, não adiantará acertar na esportiva, pois nada mais existirá . tudo será destruído e talvez nem a gente exista.

( SAEM DE CENA -- FIM DO SEGUNDO ATO )

TERCEIRO ATO

Cenário : Tapete, almofadas, puffs, abajur, e arranjos iluminados.

Entra em cena Aguiar, com um livro na mão. Depois de servir uma bebida, fala :

— Se as grandes potências mundiais quisessem acabar com a falta de alimentos que existe no mundo, num piscar de olhos todo o ser humano teria o necessário para viver como deve viver realmente o ser humano... Mas existe miséria até mesmo nas grandes potências. Porque o interesse econômico domina o homem de qualquer ideologia... Por isso se ouve tanto a frase : Muitos com pouco e poucos com muito. O progresso de certa forma contribui um pouco para isso. Com o progresso se criou novas necessidades e para satisfazê-las o homem cria outras e outros e nunca fica satisfeito. Uma necessidade gera a outro . E chego até a concordar com isso. Mas o problema é que muitos usam do próprio semelhante para terem riquezas, e explorando acumulam, acumulam montanhas de bens que muito bem serviria a todos, mas não servem por ser só de um. Por ser o unico dono da máquina...

— A economia de esforço, a economia de tempo, a economia de dinheiro, é um dos fatores que impulsiona o homem cada vês mais, mais, mais a novas e exelentes conquistas ... É essa tal de porcaria da lei do menor esforço, que juntamente com a lei da economia ~~se~~ liquida com a mão operária e gera desemprego e maiores lucros a meia duzia.

— Meu patrão comprou uma máquina que trabalha por trinta homens e aqui estou eu desempregado ... Um brinde ao progresso.

( Neste momento entra Toni, em cena, falando alegremente. )

— Olá meu caro amigo Aguiar. Como vais? Tenho uma novidade para te contar. Fui eu quem aperfeiçoou os métodos e criou a máquina que simplificou o trabalho de trinta homens, lá dentro do teu emprego. Teu patrão está encantado com a economia. Foi um sucesso !

( Aguiar sai, sem dar conversa a Toni )

— Ei! ... Onde é que você vai ... Que foi que eu fiz de errado ? ... Gosado. Parece que não gostou do meu invento. Simplifiquei todo o serviço da empresa em que ele trabalha e ele fica zangado ! Confeço que não entendo !

( Senta-se e fica pensativo e bebendo )

( Entra Alda em cena )

— Já estas de volta ? Pensei que ainda estivesse trabalhando.

— Hoje sai mais cedo ... Sabe, alda ! No futuro não mais precisarei sair de casa para trabalhar, a máquina fará tudo por mim ...



— Desculpe-me querido,mas,não posso conversar agora. Tenho pressa,preciso ir ao cabelereiro e estou atrasadíssima.

— Mas por que estas tão atrasada ?

— Ora,porque ? Porque essa porcaria da empregada pifou novamente. Não queria te falar disso agora,mas acho bom providenciar uma outra,pois essa só sabe é quebrar copos.

— Mas essa não tem nenhum ano de uso e já queres uma outra ? Essa não. E outra que ela ainda está no tempo de garantia.

— Não me importa coisa alguma. Quero outra,essa só sabe e dar curto circuito. Me encostei nela e levei um choque . Por isso não tem conversa. Quero outra.Assunto acabado.

— Está certo. Você sabe que farei tudo para que não passes trabalho algum... Vou providenciar uma outra ... Mas senta aqui. Vamos conversar um pouco !

— Não dá,homem! Estou atrasada. Tudo por causa dessa lata velha ... Tchau ! ... E olha,quando eu voltar quero que já esteja aqui a nova empregada-robo. E vê se compra também um robo-jardineiro. Estou cansada de aguar as flores todos os dias. ( sai rápido )

— Ei,querida. Venha cá ... Fuxa vida ... Parece que ninguém quer conversar comigo. Primeiro foi o Aguar. Agora a Alda que sai as pressas ...

... Terei de inventar uma máquina,um aparelho para conversar com a gente,nos momentos de solidão . Mas ninguém entende. Logo,logo o homem será substituído pãla máquina em tudo. Ela fará tudo. Até mesmo outras máquinas. Será máquina guiando máquinas. Na lavoura, no campo, na cidade,no escritório, na fábrica ... tudo será comandado por máquinas ... Eu crio a máquina e ela trabalha para mim ... Quando o mundo atingir esse ponto,o homem viverá só de lazer . E já estamos atingindo a era da cibernética.

( Neste momento entra Aguiar com um jornal na mão )

— Grande sonhador ... És o criador da máquina. Mas para que máquina ? Para se destruído por ela ?

— Não ... Ela é feita para aliviar a carga do homem.

— De que homem. Todos os homens precisam comer,vestir , entende ?

— A máquina produz tudo. Produz comida.Produz roupa. Enfim a máquina produz tudo,tudo,tudo.

— Produz para quem ? Para o dono da máquina. E os que não possuem máquinas ? Os operários . Esse operário que a máquina substituiu. De que viverá ? De ar,desse ar que a própria máquina está poluindo ? É disso que viverá o substituído? É disso ? ... Não meu caro Toni.Já é tarde.O homem se destroi. Por que todos pensam como tu. Pensam em substituir o ser humano por geringonças sofisticadas ...

— Estas muito enganado,meu caro amigo Aguiar. O mundo precisa de super produção. Cada vêz mais e mais. Só a máquina é capaz disso. Precisamos de máquinas. Muitas e muitas máquinas. Tudo deve ser mecanizado. Tudo,tudo,tudo. Vou te dizer mais. Sou o homem mais feliz do mundo. Porque brevemente,quando precisar ir a qualquer lugar,bastará apertar um botão,para ir ao cinema, teatro,qualquer lugar, Serei transportado por máquinas,sem o menor esforço,sem mover um só músculo. Entendeu ?

— Não ... Jamais isso acontecerá. Pois o próprio homem e suas máquinas não vai permitir. Aqui está a prova ... A guerra ... A terceira guerra ...

( Sai de cena, chorando )

— Não é possível ... Não é possível ...

( Neste momento entra Alda )

— O que houve com o Aguiar ? Ele saiu daqui chorando ! Vocês brigaram ?

— É o fim dos sonhos ! O homem conseguiu se destruir. Veja só ... É a guerra ... Fiz máquinas de todos os tipos. Máquinas das mais diversas possíveis, menos a máquina da paz, que é a principal.

— Toni, e nesta guerra ? Você acha que teremos chances de sobreviver ?

— Nenhuma ! Tudo será destruído. E o que restar será destruído pela radiatividade das bombas... De nada adiantou os meus inventos, muito pelo contrário. Pois muitos deles estão sendo usados como armas de guerra. Parece que o homem só sabe matar, matar, matar. Em vez de paz, fazem a guerra. Guerra que não é minha, nem tua . Simplesmente uma guerra.

FIM DO TERCEIRO ATO

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

QUARTO MOVIMENTO  
de JNR Canabarro  
Encenada em quatro atos

QUARTO ATO

Cenário | : O mesmo do terceiro, mas totalmente desordenado ( Como se tivesse havido uma guerra )

Os quatro personagens em cena, bem no centro do palco.

— Se o homem tivesse aprendido a lição na primeira e na segunda, não teria havido a terceira e não aconteceria o seu fim ...

— Se eu não tivesse morrido de fome, não seria um soldado sub-nutrido e meu corpo poderia servir de trincheira para meus companheiros.

— Se eu fizesse, se eu pudesse, se eu tivesse, se eu isto, se eu aquilo, se eu houvesse dado importância para todos os " SEs " de nossa vida e tivesse criado uma máquina que fizesse tudo o que nós homens deixamos de fazer, vai ver que essa máquina faria uma outra máquina, ~~XXXXXXXXXXXX~~ para destruir tudo o que nós homens fizemos.

— Caríssimo público ... aproveitem bem ... Olhem com atenção para estes artistas medíocres ...

— Reparem bem nos gestos e no rosto. Sintam a presença do ser humano ...

— Sintam a presença do ser humano, pois em breve todos seremos substituídos pelas máquinas e os senhores não mais verão o homem no palco, mas sim robos ...

( Música - ao findá-la todos correm de um lado para o outro e no final atiram-se no chão . )

FIM

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025